

# Urge salvar nosso Oréades

» MARCELO BIZERRIL — Professor da Faculdade UnB Planaltina

» EDUARDO BESSA — Professor da Faculdade UnB Planaltina e pesquisador da Rede Biota Cerrado

Ele já recebeu vários nomes, tanto populares quanto científicos. Já foi Oréades, Sertão, Gerais, Taboleiros, com tantos outros subtipos, até o termo Cerrado se estabelecer — primeiro, para a ciência, e, depois, adotado pelos materiais didáticos e pela mídia — como o nome da paisagem do Brasil central. A sua importância é que nunca mudou, sempre foi fundamental para a América do Sul pela localização geográfica, central e elevada, que conecta os demais biomas do continente e confere estabilidade ao clima e ao fluxo dos rios que compõem bacias hidrográficas ao sul e ao norte. O Cerrado é ainda a savana com maior número de espécies de seres vivos do planeta, o que já é mais que o bastante para ser admirado e protegido.

Contudo, pesquisas na virada do século indicavam que o Cerrado era muito desvalorizado pela mídia e pela educação formal. Ignorado na maior parte das manchetes, recebia suas poucas menções quando o assunto era as queimadas. Na escola, o tratamento era mínimo, restrito às características gerais da vegetação “torta e baixa”, e os professores, à época, reconheciam que o Cerrado era tratado como um ambiente distante, “como se não fosse nossa casa”.

Duas décadas depois, a situação parece ter melhorado. O Cerrado já passa a ser manchete quando o tema é a devastação do Centro-Oeste e suas conseqüentes ameaças ao clima. Também os povos indígenas, quilombolas e a cultura cerratense começam a frequentar o noticiário cotidiano. Já nas escolas, apesar da produção de materiais didáticos sobre o Cerrado ter aumentado, os estudos sobre a percepção dos estudantes indicam que pouca coisa mudou. A juventude, cada vez mais urbana, continua a ignorar as belezas e a agonia que o Cerrado enfrenta. De fato, a crise só aumenta, como indica o último boletim do desmatamento no Brasil, que registrou que o desmatamento no Cerrado ultrapassou a Amazônia. Como ampliar a visibilidade do Cerrado na sociedade para mudar essa situação?

A comunicação nos nossos dias perpassa a internet e as redes sociais, locais onde o Cerrado perde em popularidade para outros biomas. No Instagram, por exemplo, há hoje 1.044.420 postagens com a #cerrado, contra 3.081.121 com #amazonia e 1.255.912 com #pantanal. O Portal Canal Ciência, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que reúne materiais de divulgação científica on-line, lista 23 materiais sobre o Cerrado, contra 97 para a Amazônia, oito para a Caatinga e quatro para Pampa e Pantanal. Por outro lado, segundo o Google Trends, o Cerrado foi mais buscado do que a Mata Atlântica e mesmo a Amazônia no Brasil entre 2023 e 2024. Essas buscas concentraram-se nos estados cobertos pelo bioma, o que é importante, mas

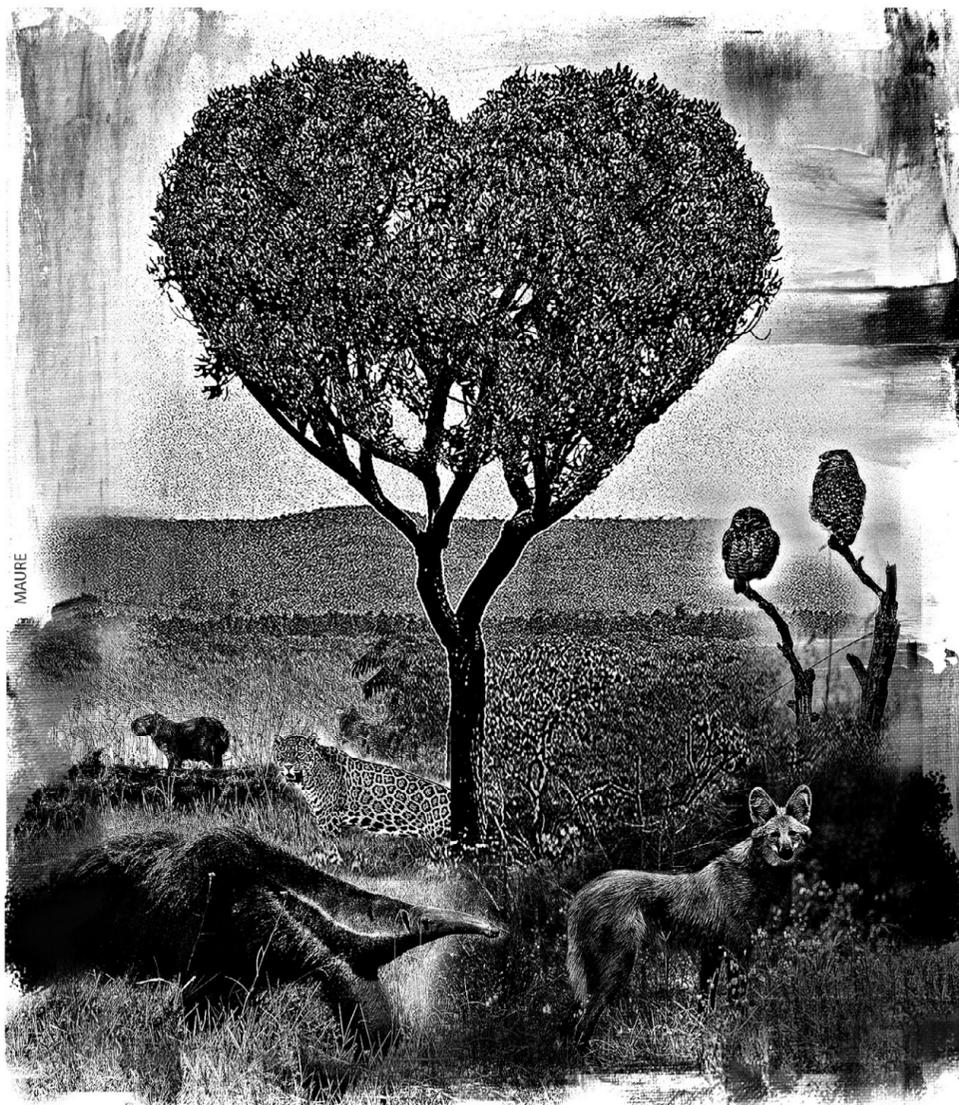
o valor do Cerrado precisa transcender suas fronteiras. Há iniciativas interessantes de divulgação do nosso bioma na internet, de museus virtuais e projetos de observação de aves a podcasts e canais de Youtube, indo além das mazelas e focando as belezas dessa paisagem.

Hoje, o Cerrado é muito mais conhecido e visibilizado na escola, na imprensa e na divulgação científica do que já foi. Temos festivais culturais, gastronômicos e eventos de moda e design que valorizam elementos do Cerrado. Somos melhores em reconhecer nosso bioma, sua fauna, flora e características principais. Percebemos o Cerrado como um ambiente, não só como o causador ou a vítima de problemas diversos. Tudo isso mudou a forma como o Cerrado habita a opinião pública. Mas precisamos ir adiante.

Para que o Cerrado ocupe definitivamente seu papel no imaginário popular, precisamos continuar

investindo em iniciativas de educação ambiental, valorizá-lo como pauta jornalística e cada vez mais povoar as redes sociais com ipês, capivaras e cachoeiras. Estratégias diversificadas de abordar o Cerrado permitirão que as futuras gerações não só o conheçam melhor, mas, acima de tudo, se sintam responsáveis por conservá-lo. O Cerrado já faz parte da identidade do brasileiro, mas essa identificação precisa continuar e se aprofundar para que ele seja visto como mais que um recurso natural a ser explorado, uma fonte de riqueza ambiental e cultural.

Todavia, tudo isso ainda será pouco se não resultar na mudança da mentalidade política sobre o Cerrado e o rearranjo das diretrizes que orientam o desenvolvimento econômico na região. Esse é o ponto de chegada desse processo de assumirmos a responsabilidade pelo cuidado com o Cerrado, e o de partida para que o Brasil se torne um país modelo de sustentabilidade para o mundo.



MAURE

## Eleição de Trump anima a direita no Brasil. Fogo de palha

» JOSÉ NATAL  
Jornalista

O Brasil deixou de ser uma República de Bananas faz tempo. Mas, no mundo político, ainda há resistência sobre essa realidade, e muitos não perdem nenhuma oportunidade de tentar mostrar submissão, puxa-saquismo e subserviência ao menor aceno de alguns países que jamais se preocuparam com a nossa existência. A vitória de Trump, nos Estados Unidos, justa por sinal, atçou velhos sonhos e despertou o adormecido senso de ridículo, alojado em uma boa parte daqueles que adoram ir a uma festa de luxo usando terno emprestado. Essa turma existe, pode acreditar.

A prova cabal de que isso acontece vem da recente entrevista que o senhor Jair Messias concedeu a Ranier Bragon e Camila Mattoso, da *Folha de S. Paulo*. Ali, o ex-presidente, sem medo de ser feliz, escancara, sem ficar vermelho, a sua total e absoluta capacidade de se humilhar, sem nenhuma preocupação com o que vão pensar dele. Se esborraça de amor a Trump que, sob sua ótica, também o adora. Há controvérsias, mas, por via das dúvidas, está caprichando no seu “*The book is on the table*” caso, de fato, consiga marcar presença na festa de posse do presidente americano.

Na entrevista, uma das poucas em que o capitão não solta marimbondos no ministro Alexandre de Moraes, o ex-presidente manifestou sua esperança de ganhar de Trump um apoio para se livrar da sua inegabilidade. E mais: lembra até do ex-presidente Michel Temer, um possível nome para dividir com ele uma candidatura ao Palácio do Planalto. Ético e experiente, Temer se esquivou e se diz fora do cenário político.

Como dizia João Saldanha, quem mora na Vila conhece os caboclos. Resvala na ingenuidade política, ou na incompetência de uma assessoria que não entenda do assunto, que esse não é, e nem será, o melhor caminho para que o capitão adquira os seus direitos políticos. Aliás, lutar por isso é um direito dele, uma obrigação. Os meios que ele utiliza para ganhar essa causa é que estão equivocados. A preocupação de Trump com o futuro de Bolsonaro deve ser a mesma que o ex-presidente tem com a saúde de Lula e sua equipe. Ou seja, zero. Sempre com um vocabulário chulo, agressivo, e com gestos pouco recomendáveis a menores de idade. Atitudes que em nada ajudam a acelerar seus desejos de voltar ao palco iluminado.

Dentro da própria doutrina direitista, os sinais de repúdio a essas manifestações são claros, evidentes. Direita, aliás, com pouco combustível no tanque. Com vitórias episódicas, isoladas e sem lastro. O Brasil não é, e nunca será de direita. A história comprova isso. Há, sim, e isso é verdade, um contingente da esquerda esfacelado e desgastado pelo tempo, pela inércia e pela viciada dependência de Luiz Inácio Lula da Silva, até hoje o único com coragem, habilidade e soberana liderança do seu partido, e por tabela de todos os outros que o seguem.

O PT dos últimos 25 ou 30 anos respira pelo pulmão de Lula e se alimenta de migalhas e partículas de uma pobre e desorganizada comunidade, que jamais teve capacidade para formatar um novo líder. Daí, o avanço lento e o obtuso crescimento de pseudolíderes da direita radical, geminada na figura de um líder a cada temporada. Uma vez mais, basta recorrer à história, consultar os arquivos. Líder mesmo, de papel passado e juramentado, a direita não tem.

Bolsonaro tem razão, candidato mesmo, com carteira assinada e direito a viajar na janelinha, só ele mesmo. O resto é churumela, cantos de sereia. Potencial esse que ele, mais uma vez, construiu e trabalha para destruir. Se achar mais inteligente que todos é o primeiro sinal de burrice. Quem faz política com sabedoria deve seguir o manual do bom agricultor. Quem aduba mal o terreno, ou faz o plantio fora de época, perde a colheita. Depois, não adianta ficar chorando na porta da cooperativa. A estatística está contra o capitão. Até hoje, ganhou apenas uma prova. Nas outras, queimou a largada. Se fosse técnico de futebol, a essa altura estaria “prestigiado”.

## A jornada do negro no mercado corporativo

» MAURÍCIO PESTANA

Membro do Conselho Administrativo da empresa Alicerce Educação, presidente do Fórum Brasil Diverso, CEO do Grupo RAÇA Brasil de Comunicação

Apesar de o Brasil ser reconhecido por sua diversidade étnica e cultural, as desigualdades raciais estão presentes em diversas esferas da sociedade. No mercado de trabalho, elas tornam-se ainda mais evidentes. A população negra, majoritariamente presente em ocupações manuais, enfrenta uma realidade de disparidade salarial e precarização. Uma pesquisa recente sobre o perfil social, racial e de gênero das maiores empresas do Brasil mostra que o rendimento salarial médio de uma mulher negra é 116% inferior ao de homens não negros. Além disso, a população negra enfrenta maiores índices de desocupação, menor acesso à Previdência Social e uma dependência acentuada do salário mínimo.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2023 confirma essa situação. Nos primeiros meses do ano, a taxa de desocupação foi significativamente maior entre negros: 11,3% entre pretos e 10,1% entre pardos. Esses números revelam não apenas a sub-representação dessa população no mercado formal, mas a precarização de seu trabalho.

Embora esteja ocorrendo alguns avanços na presença de negros em diferentes níveis hierárquicos,

fruto de políticas de inclusão, a maioria das empresas ainda mantém estruturas que favorecem a ascensão de pessoas brancas. Programas de inclusão e diversidade voltados à população negra são implementados por muitas empresas, mas essas ações ainda não resultaram em maior presença em cargos de liderança.

Em 2020, o Vagas.com divulgou um estudo que revelou que menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargo de gerência ou diretoria. Dois anos depois, em 2022, uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos ainda confirmava o dado. Em abril deste ano, outro estudo, agora da consultoria Preta e Cloo, apontou, novamente, que menos de 5% das lideranças das 500 maiores empresas do país são negras. O mesmo dado apareceu no estudo realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Instituto Ethos na Pesquisa Perfil Social Racial e de Gênero, que contou com a participação das 500 maiores empresas do país. O desafio de promover a inclusão racial no ambiente corporativo precisa ser tratado de forma estratégica, com metas claras e um acompanhamento contínuo. Políticas afirmativas de inclusão, embora já em curso, têm avançado de forma lenta.

Criado há uma década, o Fórum Brasil Diverso tem se consolidado como uma plataforma importante para debater diversidade no ambiente empresarial. O evento foi concebido com o objetivo de provocar grandes empresas a repensarem suas políticas de inclusão, incentivando práticas mais abrangentes. A pauta da diversidade tem ganhado destaque também no cenário internacional. Nas eleições da França, por exemplo, temas como protecionismo e xenofobia ocuparam espaço relevante, assim como ocorre na disputa eleitoral dos Estados Unidos.

Neste ano, o Fórum chega a um momento crucial: embora as empresas já não neguem a existência do racismo, o desafio agora é incorporar a questão racial de forma mais concreta nas estratégias corporativas. O foco será ampliar a inclusão de negros em cargos de liderança, onde a representatividade racial ainda é mínima.

A questão racial no mercado de trabalho brasileiro, portanto, é mais do que uma questão de inclusão; trata-se de corrigir uma dívida histórica e de reconhecer que a verdadeira diversidade não se resume à presença, mas à participação ativa e à igualdade de oportunidades para todos.